

A compreensão do modelo ético vaziano, numa perspectiva hermenêutica, como fonte de construção de uma comunidade ética

Raquel Ferreira de Souza

Mestranda / FAJE / Filosofia

A busca de um modelo ético que compreenda o todo social, de forma universal é uma questão que tem acompanhado a humanidade desde a antiguidade grega. A ética é uma questão de todos os seres humanos, sendo que se apresenta como o único caminho de manifestação da liberdade.¹

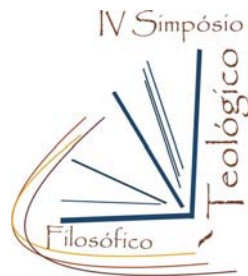
Lima Vaz, pensador escolhido por nós como norteador de pesquisa, apresenta um modelo ético que faz uma releitura do historicismo, dos fins do século XVIII, mais específico de Hegel, cujos pilares são a cultura, o ethos e a história, e que busca na história o conteúdo necessário para se pensar uma ética filosófica, que de forma sistematizada, se manifesta na Razão prática, ou seja, manifesta-se no agir humano (práxis), que pode ser universalizado no próprio ethos.

“É justamente na práxis ética que a inter-relação dialética entre razão e liberdade e a abertura do ato à universalidade do dever-ser ou, em termos éticos, a relação da consciência moral com o Bem definem o invariante fundamental da vida ética que assegura, a um tempo, a permanência e abertura do agir ético e a possibilidade da sua integração na ordem racional de um sistema aberto.” (VAZ, 2000, p.15)

O pensador, ao desenvolver uma ética que tem como método a “rememoração”, como afirmou Frankilin Leopoldo², já apresenta a seu modo um caminho para sua interpretação; interpretação essa *formal*, já que o

¹ Ver o artigo “Fenomenologia do Ethos”, in *Ética e Cultura*, p. 15-16.

² Revista Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v.30; n. 97, 2003.



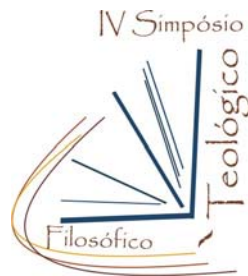
conteúdo da ética vaziana é a história, e cada ser humano tem experiência e construção diferentes. A forma de interpretação referida aqui busca na história/cultura subsídios que possibilitam uma relação dialogal direta entre passado e presente, como mecanismo de construção de uma sociedade ética, que é solo fértil para uma instituição educadora para o Bem: a própria sociedade, representada pelo sujeito ético/ pessoa moral.

O ser humano é por si só social, ou seja, tem necessidade de se relacionar com seus semelhantes, construindo assim um ethos, isto é, o lugar de suas manifestações e expressividade, obviamente sua história. Se almejamos conceber uma sociedade que age universalmente, não há outro lugar para a realização de tal construção/ educação senão o ethos, que ocorre segundo Lima Vaz (2000, p.20) “pela mediação do *Eu sou* o indivíduo se automanifesta com efeito, como indivíduo ético e participante da comunidade ética – ou como existente na realidade do ethos.”

Desta forma, partiremos aqui do pressuposto de que o movimento do agir, de forma livre e consciente, e a busca de uma universalização do agir, só são possíveis a partir de uma construção histórico-cultural. Contudo, faz-se necessário esclarecer que, Lima Vaz não nega o fato de o indivíduo ser um ser moral, antes de um processo educativo, visto que o ser humano é dotado de uma virtualidade ética desde a sua gênese, o que lhe compete a dignidade e o direito à vida.³

Não existe uma pessoa que não compartilhe de idéias, ainda que sem uma configuração complexa – para não dizermos filosófica – sobre o Bem e as motivações que a leva a buscá-lo; e considerando o conjunto de pessoas que de alguma forma tendem a buscar o Bem, teremos uma comunidade. Logo, quando tal comunidade formula uma pergunta sobre o seu próprio agir – buscando uma espécie de “código do agir” (código ético) – terá sempre uma

³ Ver nota -24- EF, V, p. 22/23.

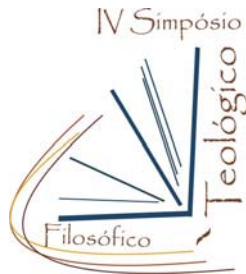


idéia daquilo que poderá ser a resposta, pois já na pergunta há elementos que direcionam a resposta. No entanto, esses elementos direcionadores só são possíveis a partir de uma perspectiva de construção histórica, pensada aqui como um processo de rememoração, ou ainda de re-interpretação, que pode ser entendido como um meio de *educação cultural*, não no sentido estrito da expressão.

Partindo do pressuposto de que “tudo” não está dado –nem historicamente, nem cognitivamente - ou seja, que as coisas não são conhecidas imediatamente, esbarramo-nos no sistema aberto do método dialético da ética de Lima Vaz, em que o sujeito busca no passado subsídios para construir seu agir presente, porém antes de agir, realiza um movimento auto-reflexivo sobre tal, logo uma rememoração seguida de uma re-interpretação do passado posto no presente – com todas as condições que este sugere – que já pressupõe a possibilidade de sua reinvenção (re-interpretação), visto que tal sujeito autodetermina seu próprio agir; logo, é um (re) construtor de sua realidade, ou ainda de sua manifestação no mundo da vida.

“Compreendo sempre qualquer coisa que já conheço ou me é familiar; no ato em que formulo uma pergunta; prevejo qual poderá ser a resposta ;no colóquio ,já sei em grandes linhas aquilo que o meu interlocutor poderá dizer-me.” (AGOSTINI, 2002, p. 400)

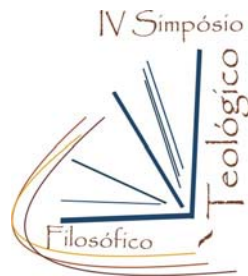
Pensando em termos éticos, quando o ser humano formula uma pergunta que mensura seu próprio agir, como “isto é bom ou mau?” já traz consigo elementos da resposta, porque, segundo Agostini (2002, p. 401) “há uma circularidade natural do compreender, um processo necessário do já compreendido ao compreendido, e vice versa”. Dentro da ética vaziana, isto pode ser percebido no pressuposto da *consciência moral*, já que essa pressupõe a abertura transcendental para o Bem e a faculdade da deliberação;



logo, pode-se perceber que na própria formulação da pergunta “isto é bom ou mau?” já há atividade da consciência moral, que já traz consigo a resposta a tal, pois só o fato de se perguntar já mostra que o ser humano tem capacidade de racionalizar o próprio agir. A resposta para essa pergunta representa apenas uma parte do todo da compreensão; parte essa que o faz acelerar movimento de circularidade hermenêutica que leva à compreensão do todo, que na perspectiva da ética vaziana seria o término de, no mínimo, um círculo dialético histórico.

“A filosofia só pode pensar a história quando um círculo histórico se cumpriu e as razões nele presentes podem ser dialeticamente articuladas. Ela não é programa para o futuro, mas uma lição a ser aprendida do passado.” (VAZ, 2002, p. 121)

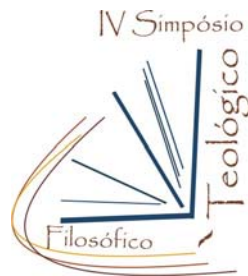
Como a ética vaziana está diretamente ligada a uma perspectiva dialética, e a hermenêutica se coloca no ponto do olhar do sujeito sobre aquilo que compreende, em movimento de circularidade, podemos afirmar que o cumprimento do sistema ético vaziano só é possível a partir de uma compreensão hermenêutica – visto que Lima Vaz pensou um sistema ético universal, logo não há como realizá-lo, sem entendê-lo. É importante considerarmos as várias interpretações possíveis mediante a história e a cultura, que são elementos referenciais da ética vaziana, mas há nela também um elemento imutável, que é a *consciência moral*, que é comum a todo ser humano. De modo que quando o ser humano busca na história/ cultura elementos para a construção do seu agir presente, já está partindo de algo conhecido, mas sem fazê-lo com imediatismo, visto que pode implicar sua interpretação, a partir da auto-reflexão. A auto-reflexão, por sua vez, já pressupõe a *consciência moral*, que é anterior ao agir efetivo, logo é rememorada sempre que o homem pergunta a si mesmo sobre seu próprio agir; o que não nos permite pensar o círculo hermenêutico como uma verdade última, definitiva, objetiva e eterna, visto que o homem sendo um ser histórico/



cultural está em contínua mutação e construção. Logo, sua interpretação/compreensão de si e das coisas mudará também, mas claro que não partirá do ponto zero da compreensão, já que tem em si um conjunto de impressões históricas, que o possibilitará ir além, num processo dialético – que passa por momentos e dimensões - que permitirá àquele que compreende dar um passo a mais na compreensão do todo; que em termos éticos seria o agir ético (por hora).

Quando se cumprir tal círculo hermenêutico e dialético, outra perspectiva do todo se apresentará ao sujeito, já que esse partirá do conhecido (o agir ético), para pressupor a habituação de tal agir, buscando assim a vida ética. Para tanto, esse deverá formular uma nova pergunta “até que ponto posso saber que coisa é a vida ética se não reconheço as suas condições e pressupostos?”; aqui, instaura-se uma oportunidade positiva da busca da compreensão. Ressaltamos, pois, que o sujeito passará pelo mesmo movimento de rememoração, que se apresentará apenas como uma parte do todo que é a *vida ética* (o agir ético já é pressuposto da vida ética), é válido dizer que nesse momento há duas perspectivas a se considerar: a participação do sujeito, como ser histórico e de memórias (relembra as proposições do agir ético- seu processo e suas condições) e a estranheza do sujeito diante das outras partes que se apresentam como necessárias à compreensão da *vida ética*, que é o *todo* nesse momento.

Um elemento importante que dá para ser rememorado do *agir ético* no processo de construção de uma *vida ética* é perceber a importância do movimento dialético na construção circulatória da vida ética. Numa perspectiva dialética, a ética vaziana apresenta- nos duas aplicações *referenciais*, que são respectivamente: 1) subjetivo, objetivo e intersubjetivo; 2) universal, particular e singular. Não há como vencer tal processo sem compreendê-lo parte por parte; compreendendo-o, supera-se uma volta no círculo dialético completa. Logo, em nossa abordagem, as aplicações dialética e hermenêutica andam juntas.



Como o pensamento hermenêutico baseia-se na superação das partes (menos e mais complexas), partiremos do pressuposto de que em cada dimensão da aplicação dialética da ética vaziana são apresentados elementos que deverão ser superados, para que outros se apresentem como complexos, como por exemplo, na dimensão *subjetiva*, não há como partimos diretamente do momento *particular*, porque há um processo dialético a ser superado. Logo, o primeiro passa-se pelo *universal* (que apresenta os pressupostos universais abstratos do Bem), superado tal, chegamos ao momento *particular* (que apresenta as condições situacionais) – que de certa forma rememora o *universal*. O *particular* ao ser superado, lança a ação ao *singular*. Logo no singular há um pouco de *universal* abstrato e um pouco de *particular* – ainda que superados dialeticamente. O que ocorre com todas as outras dimensões e seus respectivos momentos.

O fato de o momento dialético presente trazer em si os momentos anteriores já é um processo hermenêutico, já que além de haver um processo de rememoração, no sentido de buscar elementos no (momento) passado para formar o (momento) presente, tais elementos rememorados mostram-se superados; logo, há também a atuação da auto-reflexão do ser humano, que vem mostrar que tudo não está dado.

Cumprindo as exigências e restrições temáticas, buscaremos agora mostrar brevemente, até que ponto a compreensão da ética vaziana pode servir de fonte de construção de uma comunidade ética. Como demonstramos até o momento, todos os elementos que compõem a ética vaziana são comuns a qualquer ser humano, visto que todo ser humano é dotado de história e cultura, e também de racionalidade e de consciência moral. Logo, se a ética vaziana não conta com elementos constituintes impossíveis a qualquer pessoa, deve-se pensar as motivações que nos levam a superar as dimensões e os momentos componentes da ética dialética vaziana. Tais motivações de superação estão



diretamente ligadas à educação, que bebe na fonte da cultura, que por sua vez é rememorada a todo momento.

Desta forma, se o que é preciso para se agir eticamente encontra-se no próprio ser humano, podemos afirmar com precisão que a ética vaziana, por apresentar-se sob a forma de um sistema aberto, que vê o homem como expressividade, respeitando o movimento dinâmico da vida, ou seja, a construção histórico-cultural, pode ser aplicada em qualquer lugar e em qualquer cultura, enfim, em qualquer ser humano racional. Lima Vaz não pensou uma ética apenas para o Brasil – apesar de defender nitidamente que o papel do filósofo também é pensar sua própria realidade e cultura – pensou um sistema ético que pode ser aplicado universalmente.

Referências

I- VAZ, H. C. L. **Escritos de filosofia V**: introdução à ética filosófica 2. São Paulo: Loyola, 2000. p. 11-127.



II-_____. **Fenomenologia do ethos**. Preliminares semânticos. Escritos de Filosofia 2; Ética e Cultura. São Paulo: Loyola, 1988. p.11-78.

III-_____. **Antropologia filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 105-115.

IV- GODOY, R. **Metafísica e modernidade**: método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2006. p.243-259/ 316- 328.

V- LEOPOLDO, F. **Notas para um estudo dos procedimentos metódicos em Lima Vaz: singularidade e transcendência na apreensão das idéias filosóficas**. Revista Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v.30; n. 97, 2003.

VI- AGOSTINI'D, F. **Analíticos e continentais**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2002. p. 389-403.